

CATÓLICOS E PROTESTANTES NO NORDESTE BRASILEIRO NO SÉCULO XX: A EDUCAÇÃO EM QUESTÃO

Maria de Lourdes Porfirio Ramos Trindade dos Anjos¹

Carlos Henrique de Carvalho²

Introdução

Em 1889 a República foi proclamada no Brasil e com o novo regime se promulga a Constituição de 1891, que declarou o Estado laico, pelo Decreto 119-A. Também foi instituída a liberdade de cultos religiosos, bem como o casamento civil e a secularização dos cemitérios. Nesse ambiente republicano, já nas últimas décadas do século XIX, escolas americanas de confissão protestante já tinham êxito em São Paulo³, havia também penetração do espiritismo no país⁴. Então a Igreja brasileira precisava fazer frente a esses desafios. Bispos romanizados foram nomeados e iniciaram a implantação no país da nova política da Igreja, principalmente através da busca de religiosos europeus romanizados. Além disso, a Igreja, acompanhando a federalização da República, também se federalizou criando circunscrições eclesiásticas e bispados em todo o território nacional⁵.

No Brasil, a constituição do Estado como República Federativa obriga a Igreja também a se federalizar, dividindo o território em dioceses, nomeando bispos, instalando congregações nas circunscrições eclesiásticas e recrutando para seus quadros. A organização da educação também é estadual e não federal. Neste quadro cruza-se a necessidade de federalização da Igreja, os interesses dos diferentes países em difundir sua cultura, os interesses do poder central da Igreja, os interesses de cada uma das congregações em vir para o Brasil e o interesse do estado, dirigentes e elites em promover a instalação dessas congregações aqui no país.

Alguns exemplos ilustram a complexidade deste quadro. Um deles foi o caso da expulsão dos jesuítas do país. Anos depois da restauração da Companhia de Jesus, alguns membros retornaram ao país e reativaram sua antiga rede educacional. Em alguns casos, os arranjos com os governos locais resultaram em convênios

¹ Mestre em História da Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda em História da Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente da Rede Oficial de Ensino do Estado de Sergipe e do Município de Aracaju. E-Mail: <mlprta@ig.com.br>.

² Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Em 2008 realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Docente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-Mail: <carloshcarvalho06@yannocom.br>.

³ HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da Educação brasileira*: leituras. São Paulo: Tomson Learning Edições, 2006.

⁴ GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1997.

⁵ MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

em que os jesuítas conduziram o colégio público⁶. Se, aparentemente, há uma busca pela laicização. O PRP Paulista, por exemplo, dá ancoradouro para algumas congregações.

Em *La vérité de l'Eglise Catholique*⁷, Lagroye constata uma possível crise pela qual passa a Igreja Católica, mas, como todo balanço de crise, esse é ainda nebuloso devido à proximidade temporal, ele propõem um método para o estudo do que se chama “a crise”: é preciso se interessar pelas relações que unem práticas, justificativas das práticas, concepções da verdade e formas de autoridade e de poder na Igreja. Em outras palavras, é preciso se interrogar sobre o *regime da verdade da instituição* que, em suma, é aquilo que define o que é a verdade e quem está autorizado a ter acesso e falar sobre ela.

A Igreja se entende educadora universal porque detentora da verdade e, portanto, de uma moral universal. Agindo através de colégios ou simplesmente através da catequese, ou de cursos livres em pensionatos por elas mantidos, as congregações e seus membros carregam consigo essa ideia e todas as suas atividades são intrinsecamente educativas.

Em meados do século XIX iniciou-se um movimento na Europa que iria repercutir no Brasil mais fortemente a partir do século XX. Em decorrência do avanço da secularização e da laicização dos Estados, a Igreja Católica, procurando reaver posições políticas perdidas, buscava a centralização da Igreja nas mãos do papa através da política da romanização e, ao mesmo tempo, permitia a abertura de instituições religiosas menos rígidas que as antigas Ordens. Com regras mais modernas, mais abertas ao mundo, as congregações com superior ou superiora geral proliferaram pela Europa como um todo e com uma característica comum em diferentes países: mais mulheres entravam para a vida religiosa do que homens⁸.

A chamada crise da Igreja, portanto, é uma construção coletiva de uma visão da realidade e está justamente na dificuldade de suplantar as contradições que os membros vivem em sua relação com a verdade. Certamente situações de crise já foram vivenciadas anteriormente. O período áureo de instalações de congregações católicas estrangeiras no Brasil foi parte de uma reação da Igreja a perda de espaços na Europa e a reação a essa crise foi o ultramontanismo.

Desta forma, a radicalização católica no Brasil se afirma por meio das pregações de Dom Sebastião Leme, líder do episcopado brasileiro, que assume papel fundamental na política social da Igreja no Brasil, conforme dissemos acima.

Do ponto de vista político, temos nele um notável estrategista, criador de formas de convivência com o novo regime e de apoio mútuo entre Igreja e Estado⁹. Com

⁶ DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura/ UDESC, 2001.

⁷ LAGROYE, Jacques. *La vérité dans l'Église catholique: contestations et restauration d'un regime d'autorité*. Paris: Belin, 2006.

⁸ Cf. LANGLOIS, Claude. *Le catholicisme au féminin: les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle*. Paris: Les Editions du Cerf, 1984; MANGION, Carmen M. *Contested identities: catholic women religious in nineteenth-century England and Wales*. Manchester: Manchester University Press, 2008.

⁹ O envolvimento da Igreja Católica em assuntos políticos no Brasil é historicamente observado desde os tempos coloniais, através das ações de seus diversos grupos, que se interessavam pela política e, muitos deles, se deixavam envolver com maior ou menor intensidade em situações ligadas ao campo das lutas políticas no país. Esse interesse se manifesta sob formas e profundidades

esse propósito foi fundado em 1922 o Centro Dom Vital, por Jackson Figueiredo com o apoio de Dom Leme, que já em 1921 criara a revista *A Ordem*,¹⁰ pois seu objetivo é “recatolizar” o Brasil, a partir da manutenção da ordem simbólica religiosa, contribuiria também para a permanência da ordem política, principalmente durante todo governo Vargas, ao discutir, de maneira enfática, temas como educação, ação católica e combate ao comunismo, isso num primeiro momento. Posteriormente, condena o liberalismo, cujo erro fundamental era ignorar a suposta unidade espiritual brasileira, vista pelos intelectuais d’*A Ordem* como a base de toda unidade nacional.

Com esses princípios, a revista se constituiu no principal canal de divulgação dos valores católicos, na sua ação para se reaproximar do Estado, ou seja, para se compreender o processo de aproximação [entre Estado e Igreja] cabe lembrar que o período republicano, especialmente até a década de 1920, foi marcado pelas fissuras provocadas pelo decreto de separação assinado unilateralmente, por aqueles que puseram fim ao Império, proclamaram a República, assumiram o governo e decretaram a laicidade do estado igualando, de uma única vez todas as instituições religiosas. A partir de então, embora a separação pouco afetasse a convivência entre o poder público e o poder religioso na vida local e regional, a Igreja passou a perseguir dois objetivos: o primeiro buscou redefinir suas relações com o Estado, manter sua autonomia nos assuntos da religião e garantir a continuidade dos recursos para as obras sociais e institucionais; o segundo visou consolidar sua estrutura interna de acordo com o modelo romano¹¹.

Mas é válido lembrar que a Igreja Católica brasileira, mesmo apresentando essa mudança de rumos, em relação ao Estado e seu papel perante a sociedade, tem que enfrentar divisões internas entre reformistas e os modernizadores conservadores, que evidenciam uma resistência às mudanças propostas¹². No entanto, também buscaram estabelecer uma relação de equilíbrio. Sobre essa situação, Scott diz o seguinte:

Como os reformistas, os modernizadores conservadores acreditavam que a Igreja necessitava promover uma participação leiga, mas estavam preocupados em manter a obediência hierárquica do que os reformistas que adotavam a noção de Igreja como o povo de Deus [...] Os reformistas aceitaram a secularização como inevitável e acreditavam que ela traria algumas conseqüências positivas. Eram menos antiprotestantes e mais anticomunistas do que seus predecessores e mais preocupados com a justiça social e com a

diversas de participação, de acordo com as posições dos membros da Igreja perante os movimentos políticos, fossem eles voltados para os setores mais desfavorecidos da sociedade ou para aqueles mais privilegiados. Isso denota que no interior da Igreja Católica, de maneira mais geral, tanto na realidade brasileira como na portuguesa, e não apenas nelas, suas facções eram inspiradas, ou motivadas, por uma visão de homem e de mundo própria de cada momento histórico. Cf. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Igreja e Política no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983.

¹⁰ Cf. RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos*. Belo Horizonte: Autêntica/ FAPESP, 2005.

¹¹ MARCHI, Euclides. Igreja e Estado Novo: visibilidade e legitimação. In: SZESZ, Christiane Marques et al (orgs.) *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 209-210.

¹² Cf. MORAIS, João Francisco Régis de. *Os bispos e a Política no Brasil*. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1982.

Antecedentes Históricos: o Protestantismo Norte-Americano

Tendo em vista essa situação é que este artigo pretende discutir os embates entre protestantes e católicos, com a finalidade de apresentar as polêmicas que se travavam entre as duas doutrinas religiosas, sendo palco dessas disputas o nordeste brasileiro, mais especificamente, nos estados de Pernambuco e Sergipe. Mas é importante destacar que as primeiras eram originárias do sul dos Estados Unidos da América do Norte. Estes para cá vieram fugindo afluíram da Guerra de Secessão, ou seja, o grupo de imigrantes sulistas norte-americanos¹⁴ que chegou ao Brasil se estabeleceu principalmente em Santa Bárbara, no interior de São Paulo, em 1865.

Os batistas organizaram uma igreja naquela cidade, a Primeira Igreja Batista estabelecida no Brasil, de língua inglesa. Dentre daqueles imigrantes sulistas norte-americanos que chegaram ao país, os missionários protestantes norte-americanos enviados por suas missões tinham planos de expansão evangelizadora e educacional, objetivando a formação de uma mentalidade cristã protestante. Encontrando ambiente favorável entre aqueles que defendiam a mudança do regime monárquico para o republicano, os quais viam na educação a possibilidade de modernizar a nação.

A Convenção das Igrejas batistas do Sul dos Estados Unidos, com sede na cidade de Richmond, no Estado da Virgínia, nomeou no ano de 1880, os primeiros missionários norte-americanos para o Brasil: Pastor e professor William Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby.

Este casal de missionários estava convicto de que o Brasil seria o campo escolhido por Deus para a difusão do evangelho entre os nativos, por achar que o governo agia com justiça, a terra era fecunda, o clima aprazível, possibilitando o favorecimento da expansão do evangelho, da sua crença, de sua cultura, dos seus valores, por acreditar que suas concepções estavam de acordo com a palavra de Deus, a Bíblia Sagrada.

No dia 2 de março de 1881, chegou ao Brasil o casal de missionários batistas norte-americanos Anne e William Bagby¹⁵, do Rio de Janeiro foram para Santa

¹³ MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 65-66.

¹⁴ Foram somente as igrejas norte-americanas que se interessaram pela propagação do culto protestante no Brasil. Na década de 30, mandaram para cá seus pastores com o duplo fim; de assistir os americanos e ingleses aqui radicados e investigar as possibilidades de abrir frentes de trabalho evangélico. BARBANTI, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

¹⁵ Em 1881, o trabalho batista foi iniciado pelo casal Bagby que veio para Brasil pela insistência do general Hawthorne. Começou o seu labor em Santa Bárbara onde encontrou o ex padre alagoano, Antônio Teixeira de Albuquerque. Sendo aumentadas as fileiras batistas em 1882 pela chegada do missionário Z.C. Taylor, a sede das atividades foi mudada de Santa Bárbara para a Bahia, e o ex padre acompanhou as duas famílias missionárias. Razão desta mudança foi dada pelo Sr. Bagby nos seguintes termos: “Na província da Bahia não há trabalhadores para o Mestre, enquanto nas Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo existe um bom número de missionários e trabalhadores nativos.” Isso é louvável e muito digno de observação visto serem eles, os batistas, sempre acusado de invadir territórios já ocupados por outra denominação. “Os primeiros batistas não

Bárbara a fim de estabelecer contatos com os batistas norte-americanos e aprenderem o português. Em 31 de agosto daquele mesmo ano, chegaram a Salvador os membros fundadores da Primeira Igreja Batista do Brasil, o casal Bagby, Clay Taylor, Kstevens Taylor e o ex padre Teixeira de Albuquerque¹⁶. Naquele mesmo ano, William Bagby escreveu para a Missão Batista norte-americana de Richmond explicando a escolha da cidade de Salvador para o início do trabalho missionário, justificando a inexistência de trabalho evangélico batista.

No dia 15 de outubro de 1882, fundaram a Primeira Igreja Batista do Brasil. Os Bagby exerceram seu ministério no Brasil implantando igrejas, desenvolvendo várias ações para que o povo tivesse acesso à instrução. Entendia que a educação seria um ponto relevante para expansão da obra missionária.

Diante das suas lentes as lacunas existentes deveriam ser preenchidas pelo casal. Impulsionado por tal convicção envia uma carta para a Missão Batista norte-americana a Junta de Richmond delineando os motivos e justificando a sua escolha pela cidade de Salvador para iniciar um trabalho missionário. Os presbiterianos se estabeleceram em Recife em 1873. Neste período eram comuns os conflitos entre protestantes e católicos. Mesmo diante das adversidades, existia um grupo de fiéis que contribuía de forma significativa para a manutenção das atividades religiosas exercidas pelos batistas. Entre as estratégias utilizadas pelos missionários para divulgação do evangelho e da sua religião estavam as instituições educacionais, e prova disso é que nos idos da década de 1920 já existia uma escola destinada ao sexo feminino, o Colégio Agnes Erskine.

Em Pernambuco, a Primeira Igreja Batista de Recife foi organizada em 1886 com seis membros. O Missionário Charles D. Daniel esteve à frente da Igreja por apenas três meses, vindo posteriormente a ser substituído pelo Pastor Melo Lins.

As Perseguições Religiosas: Católicos X Protestantes Batistas

A literatura protestante sobre a memória dos primórdios é plena de exemplos quando se reporta as perseguições, e as lutas travadas pelos cristãos, para exercer as práticas religiosas nas primeiras igrejas batistas. O movimento mais intenso para combater a formação da nova fé surgiu com a reforma protestante em 31 de outubro de 1517. Anos mais tarde Lutero rompeu definitivamente com Roma. Nesse processo histórico discípulos de Lutero disseminaram suas ideias em outros países. Diante do fato a igreja romana reagiu usando práticas violentas. Em 1523, os seguidores passaram a ser sacrificados, e jogados na fogueira como foi o caso em Bruxelas e França. Em 1540, Calvino se estabeleceu em Genebra, após a morte de Francisco I, seu filho Henrique II, passou reprimir os “huguenotes” (seguidores de Calvino) com atos bárbaros.

queriam gastar os seus esforços em uma província já ocupada por outra denominação. Os batistas nunca foram não são, e não poderão ser, segundo as suas próprias crenças, nem separatistas nem proselitadores, todavia não podem deixar de evangelizar em toda parte do mundo porque têm uma mensagem distinta das outras seitas”. MEIN, John. *A Causa Baptista em Alagoas (1885-1926)*. Recife: Tipografia do CAB, 1929.

¹⁶ O primeiro brasileiro a se tornar batista foi Antônio Teixeira de Albuquerque, e o primeiro a ser consagrado ao ministério. PEREIRA, José Reis. *História dos Batistas no Brasil (1882- 2001)*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 78.

A perseguição não impedia a difusão da nova doutrina. O povo entendia o discurso dos reformadores e reproduziam os preceitos ensinados. Mas tarde os filhos das famílias mais abastadas da sociedade foram se convertendo, e com a prática do uso das armas, e diante da violência proposta pelo clero, decidiram se defender. Provavelmente essa não foi uma boa decisão. Uma vez que a mensagem pregada por Calvino era possuidora de teor pacífico. Com essa atitude o conflito religioso se estendeu por três dias, e milhares de “huguenotes” morreram em Paris pelo fio de espada. Conforme a redação de *O Jornal Batista* se referindo a esse período lembra que,

[...] a violência extrema, a caça aos hereges ou supostos hereges, a fogueira, o cutelo, o garrote e outras formas de suplício, foram usados abundantemente pela igreja por século a fio. Não se pode escusar de culpas na matança de São Bartolomeu a igreja que promoveu as cruzadas, que matou milhares de albigenses e valdenses, que inventou a Inquisição. O crime da noite de São Bartolomeu estava perfeitamente enquadrado na índole católico - romana.¹⁷

O clero foi vitorioso, mas deixou registrado na lembrança da humanidade, uma história escrita com sangue, onde milhares de pessoas perderam a vida na defesa de um ideal religioso. No Brasil, no século XIX e XX, foram presenciados atos semelhantes. Na tentativa de entender o pensamento católico, questiono: O que levou o clero, a usar tamanha violência contra o povo?

Para além dos embates travados entre católicos e acatólicos que combateram em defesa dos seus ideais, e presenciaram infortúnios, sofrimentos, dor e morte. Cenas indeléveis marcaram as vidas dos cristãos da região sudestes e nordeste¹⁸. Com ênfase para os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Sergipe, que foram retratadas nas páginas da literatura evangélica.

Por iniciativa de Bagby, foi alugado, em 1890, um pequeno salão para a realização dos cultos. Em julho desse ano, deslocou-se para lá o Missionário H. E. Soper, e novos batismos foram efetuados. Um dia Soper, resolveu realizar, com os crentes, um culto ao ar livre, em frente à estação da estrada de Ferro [...]. Mas, irritado com a propaganda e os progressos da pequena igreja batista, o padre local resolveu dar uma demonstração de força. Açulou uma pequena multidão, que acossou os crentes batistas e os apedrejou. Soper, entretanto, não desanimou: apelando para as autoridades, obteve resposta, e o culto, finalmente, se realizou, com a proteção de dez soldados armados de espadas.¹⁹

¹⁷ A Redação. Há 397 anos, nesta data: 24 de agosto de 1572. *O Jornal Batista do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1965, n. 387.

¹⁸ Recorrendo as fontes observa-se que o Brasil como um todo sofreu perseguições, no entanto, às regiões mais atingidas registradas por Pereira foram Sudeste (Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Nordeste (Pernambuco e Sergipe). PEREIRA, José Reis & PEREIRA, Clovis M. *História dos Batistas no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. Cf. WILLIAMS, Clara Lynn. *Síntese do trabalho batista em Sergipe (1913-1971)*. Aracaju: 1971. p.16. (Texto mimeografado)

¹⁹ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*.

A história dos batistas registra as torturas horrendas praticadas contra os protestantes. O fato de ter professado a fé, em crença que não fosse à católica romana, estava destinado à perseguição. No entanto, eram revestidos de tamanha fé, que mesmo diante de tanto conflito, permaneciam firme no seu ideal: Propagar a mensagem do evangelho.

As perseguições continuaram espalhadas pelo Brasil. O missionário Salomão Ginsburg, incursionando pelo Rio de Janeiro para divulgar a mensagem do evangelho, encontrou forte oposição “em forma de vaias e pedradas inconseqüentes”²⁰ em três lugares “São Fidélis, em Macaé, na própria cidade de Campos”²¹.

Na perspectiva de fundar uma igreja em São Fidélis, Ginsburg alugou uma casa, em um lugar central da cidade para iniciar as atividades religiosas. Ao tomar conhecimento do fato o chefe político e pai do delegado de polícia, incomodado, e revestido com todo tipo de fúria juntamente com seus comparsas,

*Promoveram verdadeira arruaça em frente da casa onde Salomão pregava; pedras foram lançadas, e uma jovem, dentre os que acompanhavam o pregador, caiu, banhada em sangue. Não satisfeito com esses primeiros resultados, prendeu Ginsburg levando-o para a delegacia, onde o pregador passou a noite, sentado num banco.*²²

Durante todo esse movimento os batistas sofreram com a intolerância da igreja católica, na tentativa de dominar a mente e o coração do povo. Seus fiéis estavam impossibilitados de conhecer uma nova religião.

Conflitos entre o Clero Católicos e os Batistas em Pernambuco

Em 1895, chegou aos trópicos mensageiros disseminando o evangelho. A historiografia dos batistas retrata a intolerância do clero com os protestantes. Pernambuco também foi alvo das intenções clericais, na tentativa de impedir a disseminação do evangelho. Lançaram mão de atos violentos, que alguns não resistindo às agressões físicas, morreram. Em Nazaré – PE, os batistas pediam que os missionários norte-americanos reabrissem um ponto de pregação naquela região Entzinger concordou, em 21 de julho foi inaugurada a casa onde aconteceriam os cultos, e onde os primeiros adeptos a nova fé foram batizados. Pereira relata os acontecimentos vindouros, e como tudo transcorreu,

A cerimônia foi uma bomba nos arraiais católicos com o vigário à frente. Estimulada pelo padre, pequena multidão investiu à noite contra a casa de cultos, arrombou as janelas, juntou os bancos, mesa, harmônio, despejou querosene em cima e ateou fogo. Sabedor do incidente, Entzinger foi procurar o presidente do Estado, que era então Barbosa Lima, republicano histórico. Este ficou indignado com o ocorrido, e garantiu, com um pequeno contingente policial, a volta do missionário à cidade. No dia aprazado, quando desembarcou em

²⁰ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 117.

²¹ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 117.

²² PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 117.

*Nazaré, Entzminger encontrou a sua espera cerca de 500 homens armados de cacetes e facas. Á vista dos soldados, de armas embaladas, o grupo se dispersou e não incomodou mais. A 16 de janeiro de 1896, foi organizada a igreja batista da cidade.*²³

A igreja romana continuava proibindo qualquer iniciativa proposta pelos batistas. Na tentativa de desanimar os missionários, e desmobilizar o grupo a não dar continuidade ao seu projeto religioso, cometiam atrocidades contra o ser humano. Pereira relata como o fato aconteceu. Uma igreja batista foi organizada em Cachoeiras, em casa de Hermenegildo César, recém convertido. Logo ele construiu, anexo à sua casa, um salão para realização dos cultos. Por isso,

*O Padre José Bezerra, chefe político e senador estadual, contratou um bando de jagunços para ameaçar Hermenegildo. Este não se deixou intimidar, bem como outros crentes. Numa noite, os jagunços voltaram. Principiaram por saquear e destruir propriedades de outros crentes. Chegando à casa de Hermenegildo, este fugiu, deixando no quarto sua mulher, que dera à luz uma criança de três dias antes. Julgava Hermenegildo que respeitariam uma senhora naquele estado. Não imaginava a que extremos pode chegar o fanatismo. Os celerados entraram no quarto, despiram à senhora e açoitaram-na barbaramente. Depois cortaram os punhos da rede e deixaram a criança cair. A pobre senhora, apavorada, apanhou o filho e fugiu nua, indo esconder-se num açude. A criança não resistiu á queda e morreu, e a senhora, traumatizada, veio morrer poucos anos depois.*²⁴

Pernambuco continuou sendo alvo, dessa vez, quem resolveu fazer justiça, foi um frade italiano, Frei Celestino di Pedavoli com a fundação da Liga antiprotestante, que se destinava a proibir o crescimento do evangelho. O clima vivenciado pelos protestantes batistas era de discriminação, preconceito, ameaças de morte e queima de bíblia. Segundo Pereira, Frei Celestino dizia “que as Bíblias protestantes eram falsas, e organizou uma solene queima no adro da igreja da Penha, quando 214 Bíblias e porções foram incineradas”²⁵.

Pereira revelou que Pedavoli descontente com a façanha promovida contra os protestantes, contratou Antônio Silvino, para tirar a vida do missionário Salomão Ginsburg pagando apenas a quantia de duzentos e cinquenta mil reais. Mas, aconteceu que, Antônio Silvino ficou impressionado com a pregação do missionário e a cortesia que lhe dispensou. Após o término do culto, Silvino conversou com Ginsburg e preservou-lhe a vida.

Católicos e Protestantes em Sergipe: a Disputa Pelo Espaço Educacional

Convém lembrar que os embates travados entre clericais e não clericais, não são recentes. Desde 1884, com a implantação do protestantismo em Sergipe pelos

²³ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 118-120.

²⁴ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 120.

²⁵ PEREIRA & PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 139.

presbiterianos, existiam divergências entre essas duas religiões. Os católicos, na tentativa de impedir o crescimento da nova fé, utilizavam várias ações como “queima de bíblias,” “tentativa de apedrejamento”; proibição de sepultamentos em cemitérios públicos, onde os católicos eram sepultados. Nascimento assevera que o padre, “determinou que nenhum protestante ao morrer podia ser enterrado no cemitério da cidade, e caso acontecesse a sepultura deveria ser atravessada, o que na época só ocorria com os assassinos”²⁶.

No ano de 1913, os batistas organizaram a Primeira Igreja Batista de Aracaju, sob a direção do Pastor Horácio Gomes. Como ocorria nas outras denominações, aquele grupo religioso também se preocupou com a educação de seus adeptos, pois para ele, o valor da educação estava vinculado à nova vida espiritual por acreditar que o “Evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva aos maiores esforços para avantajá-lo na senda do progresso”²⁷.

Mesmo existindo conflitos entre católicos e acatólicos, os protestantes de confissão batista continuaram unidos em torno da propagação do evangelho, da distribuição de folhetos, da vendagem de bíblia, e na organização de escolas e igrejas.

Em 1917, poucos tinham oportunidade de examinar a Bíblia. A paixão com que alguns fiéis protestantes evangelizavam gerava influência na vida das pessoas, foi assim que aconteceu com Pastor Melo Lins, e o ex padre Teixeira de Albuquerque, que atuavam no nordeste. Nas viagens os missionários comprovavam a necessidade de implantar escolas. Mildred Cox Mein revelou os anseios do povo dizendo,

*Um dos clamores mais insistentes, provocados pela pregação, era o autêntico desejo de ler a Bíblia. A fim de ler, precisa-se conhecer o alfabeto: a fim de assenhorear-se dele, há mister de quem ensine; para ensinar precisa-se de preparo, de método, de ambiente propício. Alguém é obrigado a tomar a iniciativa de providenciar os elementos básicos.*²⁸

A situação dos protestantes na década de 1940 não era confortável, existindo acirrados embates entre a Igreja Católica e os não católicos por não professarem a mesma fé. Provavelmente pela postura do clero, o avanço educacional batista em Sergipe pode ter sido consideravelmente comprometido. Conforme Cruz nessa década presenciou-se muitos tumultos e descontentamentos,

*Os conflitos entre católicos e protestantes foram mais fortes na década de 40. Houve tempo que o jornal “A Cruzada” atacava muito. Mas havia um jornal dessa Igreja (Presbiteriana Independente) que respondia aos embates se chamava a “A voz da Mocidade”.*²⁹

²⁶ FERREIRA, E.F. O presbiterianismo em Lagarto. *Apud* NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Bôas Carvalho do. *A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe - 1884-1913*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação UFS/NPGE, 2004, p. 70.

²⁷ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 184.

²⁸ MEIN, Mildred Cox. *Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)*. Recife: Gráfica Editora Santa Cruz, 1967, p. 14.

²⁹ Jonan Joaquim Cruz (81 anos) pastor emérito da Igreja Presbiteriana Independente de Aracaju. Natural de João Pessoa na Paraíba. Estudou Teologia no Seminário Presbiteriano do Norte em Recife – Pernambuco; foi fundador da Associação dos Pastores, que depois recebeu o nome de

Outro relato vem de um pastor batista que presenciou cenas semelhantes contra os batistas, ao serem sepultados, nas cidades de Nossa Senhora das Dores, e em Boquim.no “Campo Santo”(cemitério).Segundo Waldemar Quirino dos Santos,

[...] o clero não permitia o sepultamento dos “hereges”, “bodes”, “capas verdes” e outros apelidos que eram dados aos convertidos à nova fé. Na verdade, os protestantes eram vistos no imaginário social como personagens do mal, a serviço de Satanás. Também presenciei na minha infância em Aracaju, sepultura de “crentes” fora dos muros dos cemitérios Santa Isabel e São Benedito.³⁰

Na década de 1950, segundo os anais da Convenção Batista Sergipana de 2005³¹, o Estado de Sergipe contava com 11 igrejas batistas espalhadas na capital e no interior.Com a organização do Educandário Americano Batista os conflitos voltaram com mais intensidade entre católicos e protestantes. Tudo era motivo para injúrias através da comunicação radiofônica e da imprensa periódica. O clero considerava uma afronta, um desacato, os batistas erguerem uma instituição e, sem escrúpulo, levar seus fiéis menos avisados para fortalecer as fileiras do protestantismo. Por esse motivo o clero passou a alertar seu rebanho que não caísse nas malhas enganadoras dos batistas. O padre Luciano Cabral Duarte expressou seu sentimento sobre o tema dessa forma:

Os protestantes de Aracaju, da seita Batista vão inaugurar neste ano um Educandário. Segundo estamos informados, o plano é transformá-lo, em seguida, em um ginásio. O rádio está transmitindo com freqüência, anúncios do referido colégio. Nada temos a censurar que os protestantes mantenham o seu educandário para os seus filhos. O colégio, pela sua estrutura essencial, deve ser o continuador e cooperador do lar. Não há de estranhar, pois que os protestantes queiram para os seus filhos, uma educação protestante. Cabe, no entanto, aqui, um reparo da maior importância e gravidade: o colégio protestante de Aracaju não será simplesmente para os meninos protestantes. Ele visa conquistar, para o protestantismo, crianças que não pertencem a famílias protestantes, crianças católicas de cujos corações ele iria arrancar as sementes da fé católica, para aí lançar o germe do espírito da reforma. A prova de que o Colégio não visa simplesmente os filhos dos protestantes é a insistência da propaganda, onde, exceto a sugestão do título (Educandário Americano Batista) nada se diz da orientação religiosa do mesmo. Se o colégio visasse

UMEA (União dos Ministros Evangélicos de Aracaju). Mas, partindo do princípio de que essa união foi organizada para acolher os pastores da cidade e querendo abranger todo o Estado, passou a ser denominada de UMESA (União dos Ministros Evangélicos do Estado de Sergipe). Participou da organização das campanhas evangelísticas de 1964, “Cristo Esperança Nossa”, e em 1965, “Cristo a Única Esperança”. Entrevista concedida em 18 jul. 2005. Até o momento não conseguimos localizar nenhuma edição do jornal *A voz da mocidade*.

³⁰ Waldemar Quirino dos Santos (75 anos) pastor emérito da Igreja Batista Castelo Forte, Aracaju - SE. Entrevista concedida em 26 jul. 2005.

³¹ ANAIS da Convenção Batista Sergipana. 58ª Assembléia Anual, 22 a 24 abr. 2005. Propriá: s./r., p. 146.

*simplesmente os filhos dos protestantes, dispensável seria a sofreguidão publicatária. Poucos como são, a notícia do seu colégio já está na boca de todos os protestantes, ou mais precisamente de todos os batistas, pois é desta denominação a iniciativa. Se pois eles fazem questão de lançar aos quadrantes a rede de sua publicidade, é que esperam colher, nas malhas da propaganda, os filhos de famílias católicas pouco avisados. Esta, aliás, a tática já empregada em dezenas de lugares.*³²

No Educandário Americano Batista tudo transcorria normalmente, com a saúde financeira equilibrada³³, o que favoreceu positivamente seu crescimento; é o que demonstra os dados apresentados por Williams na “Síntese do trabalho batista em Sergipe”. Observou-se um crescimento anual na década de 1950 em relação aos alunos católicos matriculados no EAB. Em 1954 eram 22 alunos; no ano seguinte o número de católicos estudando na instituição passou para 35 alunos e em 1960 eram 29 alunos.

No entanto, o clero não estava satisfeito com o que estava posto aos seus olhos; por isso resolveu prevenir os católicos displicentes do grande perigo que corriam se chegassem a matricular seus filhos numa instituição herege como essa e concluiu que:

*É melancólica a história dos colégios protestantes no Brasil. Triste história de naufrágio de almas. Tomemos o caso do grande “Ginásio 15 de novembro”, instalado em Garanhuns, com dependências magníficas, financiados pelo dinheiro do protestantismo americano. Fundado numa cidade católica, o “Ginásio 15 de novembro”, por displicência dos católicos de Garanhuns, tem, na sua maioria, alunos de famílias católicas. Os pais alegam que as taxas são cômodas, abrigam-se numa suposta liberdade religiosa dentro do Colégio, e apesar do clamor que se faz, o problema continua. Com que resultado? Como o protestantismo não consegue impor-se por falta de calor espiritual ou por falta de força doutrinária, à maioria dos jovens apenas lhe mata o germe católico trazido de casa, e lhes deixa n’alma a semente da dúvida e da disponibilidade religiosa. O resultado é uma geração de indiferentes: não são católicos, não são protestantes, não são coisa nenhuma. São apenas naufragos da fé.*³⁴

Tacitamente a Igreja Católica reconhecia que através da educação os filhos dos seus fiéis poderiam ser influenciados; por este motivo a presença do colégio Batista era considerada uma ameaça aos lares católicos e menos avisados. Neste sentido, Duarte, preocupado, conclamava aos seus adeptos,

[...] ora, é preciso que estas verdades estejam bem presentes aos católicos de Aracaju, neste momento em que a ameaça funesta abre as suas portas na cidade. Nós não somos favoráveis a lutas religiosas.

³² DUARTE, Luciano Cabral. *A Cruzada*, 20 fev. 1954, p. 3.

³³ Relatório enviado à Junta de Richmond por Maye Bell Taylor, no ano de 1957. Ata em inglês.

³⁴ DUARTE, Luciano Cabral. *A Cruzada*, 20 fev. 1954, p. 3.

*Muito menos somos por uma anti-cristã intolerância para com as pessoas. Mas somos decididamente, pela defesa da verdade integral de Jesus Cristo, da qual Ele fez depositária a sua Santa Igreja Católica. Não é a mesma coisa crer nisto ou naquilo. A verdade tem as suas exigências. Melhor diria: as suas intransigências. Ela não é como nós queremos, mas como é em si mesma. Não somos nós que lhe damos a forma, mas ela é que nos impõe. Daí a sua intangibilidade, a sua sacialidade. A igreja tem clara, diante dos olhos, a compreensão deste problema. Por isto é que adverte os católicos a que de modo algum entreguem seus filhos para serem educados em colégio contra a orientação católica.*³⁵

Após ter desferido suas críticas incisivas, enviou um recado para aqueles que, por qualquer deslize, resolvessem matricular seus filhos no Educandário Americano Batista, pois teriam a punição da Igreja Católica com a excomunhão, assim informava Duarte:

*[...] e, para levar os cristãos ao cumprimento deste dever primordial de preservação da fé dos seus filhos, chega a Igreja ao ponto de dolorosamente, punir com excomunhão todos os que entregam os seus filhos para que sejam educados em alguma religião acatólica (Código de Direito Canônico, Cânon 2319, parágrafo 1º, art. 4º).*³⁶

Conclamando a todos os fiéis que se declaravam católicos que guardassem esse patrimônio sagrado e por nenhuma sombra de heresia permitissem que seus filhos fossem atingidos pelos protestantes, esse era o sentimento que movia Duarte:

*Se, pois, pela graça de Deus, a nossa população ainda é católica, se, apesar de todos os pesares, nossas famílias ainda consideram como um patrimônio a legar aos seus filhos a verdadeira fé, que vem, sem descontinuidade, dos primeiros apóstolos de Cristo até os nossos dias, se o nosso povo, interrogado, faz questão de se declarar católico, urge, portanto, defender esta fé, guardar este patrimônio, manter a sagrada intangibilidade da doutrina evitando que a mesma seja maculada pela sombra das heresias. Cabe, assim, às famílias católicas a grave obrigação de não enviarem seus filhos a qualquer colégio protestante.*³⁷

Os jornais impressos foram às fontes principais para serem veiculados os insultos e controvérsias. Os conflitos não paravam e os anticlericais elegeram como tribuna provavelmente programas de rádio para realização de debates e manifestações. O padre Luciano Cabral Duarte, tomando conhecimento do fato, passava a alertar seus adeptos para que em nenhuma circunstância colocassem seus filhos para estudar na Escola Batista. Se, porém, houvesse desobediência o fiel receberia a excomunhão por parte da Igreja Católica. As ameaças feitas pelo líder religioso parece não encontrar eco nos ouvidos dos seus fiéis. Os dados do quadro a seguir constata-

³⁵ DUARTE, Luciano Cabral. *A Cruzada*, 20 fev. 1954, p. 3.

³⁶ DUARTE, Luciano Cabral. *A Cruzada*, 20 fev. 1954, p. 3.

³⁷ DUARTE, Luciano Cabral. *A Cruzada*, 20 fev. 1954, p. 3.

uma significativa presença de alunos católicos no Educandário Americano Batista.

QUADRO I – QUADRO DEMONSTRATIVO DA DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO EDUCANDÁRIO AMERICANO BATISTA PELA OPÇÃO RELIGIOSA (1961-1971)

ANO	CATÓLICOS	EVANGÉLICOS	BATISTAS
1961	80	-	60
1962	79	-	58
1963	87	95	-
1964	84	79	-
1965	92	80	-
1966	113	83	-
1967	122	-	48
1968	133	7	36
1969	141	-	47
1970	146	-	34
1971	147	-	48

Fonte: WILLIAMS, *Síntese do trabalho batista em Sergipe*.

Depois que D. José Thomaz assumiu a Diocese, a única escola protestante de denominação presbiteriana que existia fechou suas portas. Segundo Barreto³⁸, D. José Thomaz Gomes da Silva era um homem simples, honesto, disciplinado e determinado. Ao assumir o primeiro bispado em Sergipe, ele procurou preencher lacunas deixadas pela Igreja Católica nos espaços espiritual, social e educacional. Além das instituições citadas, empenhou-se em ocupar espaços na imprensa local, entre outras atividades:

Outras medidas foram tomadas para aparelhar a Diocese, a exemplo da criação do boletim “A Diocese de Aracaju: Organoficial da Diocese de Aracaju”, que tinha por objetivo reunir “todos os atos da administração diocesana [e recolher] igualmente em seu registro os documentos de aquisição, pertinentes aos direitos da mesma diocese”.³⁹

Enquanto Sergipe esteve sob a ação do bispado de D. José Thomaz, o crescimento educacional dos batistas andou a passos lentos, como se observou anteriormente. Apenas três anos após a sua morte, a partir de 1951, foi que o EAB começou a existir.

Estratégias como estas foram colocadas em prática, com o intuito de barrar o avanço do protestantismo em Sergipe. Mas tamanha coragem, portava aquele povo, que seguia em frente, firme, unido, sem se desviar do caminho que resolveu trilhar; de forma consciente, trazendo consigo as marcas na alma e no corpo, e a

³⁸ BARRETO, Raylane Andrezza Dias Navarro. *Os padres de D. José: Seminário Sagrado Coração de Jesus*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004, p. 29.

³⁹ BARRETO, *Os padres de D. José...*, p.31.

esperança de vislumbrar a liberdade religiosa tão almejada, e o desejo de continuar cultuando ao seu Deus.

A perseguição que existiu entre os protestantes de confissão batista e o clero caracterizou-se como uma disputa de campo. Sem medir as consequências, emergiram na luta, sendo vitorioso o grupo que era detentor do poder econômico. As disputas estão presentes em espaços variados, nas igrejas, no campo educacional, passando pelas associações culturais, entre outras. Freitas explica que,

*O estudo do panorama do campo educacional em Sergipe, no período (passagem do século XIX para o século XX), permite apreender aspectos sobre instituições, práticas e saberes que constituíam o projeto de educação para as mulheres neste Estado. No campo educacional participam das “disputas e do jogo” as instituições escolares, as associações culturais e profissionais relacionadas com a escolarização, alunos, pais, professores, diretores e autoridades educacionais.*⁴⁰

Para entender melhor o significado de Campo educacional, lança-se o olhar para a definição de campo apresentada por Bourdieu:

*O campo é um espaço estruturado de posições cujas propriedades dependem das posições neste espaço [...] para que ele funcione é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo [...] que conheçam e reconheçam das leis imanentes do jogo e dos objetos de disputa. [...] A estrutura do campo é um estado de relação de forças entre os agentes ou as instituições engajadas na luta [...] tudo aquilo que constitui o próprio campo, o jogo, os objetos de disputas, todos os pressupostos que são tacitamente aceitos.*⁴¹

As disputas entre os dois grupos religiosos, na busca pelo domínio do espaço é compreensível, pois entendemos que suas lutas eram legítimas e distintas. No entanto, essa correlação de forças entre agentes religiosos seria mais proveitosa se houvesse uma discussão, na tentativa de romper com desacordos com a rivalidade e conviverem com as novas religiões. Porque tantas dissensões? Para centralizar a cultura religiosa, a rede de escolas? O controle da imprensa? Dos espaços públicos? Para se discutir as questões do nível espiritual, não deveriam ser usadas a força, os ataques físicos e morais, e nem a agressão contra o corpo e a alma.

⁴⁰ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003, p. 31.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1980, p. 89-91.

QUADRO II – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A RELIGIÃO NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950, EM SERGIPE

DENOMINAÇÃO RELIGIOSA	POPULAÇÃO DE ADEPTOS EM 1940	POPULAÇÃO DE ADEPTOS EM 1950
Católicos	537.698	630.081
Protestantes	3.240	6.825
Espíritas	457	2.184
Outras Religiões	568	4.556

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário Estatístico de Sergipe, 1940-1950.

Mesmo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não tendo especificado as diferentes denominações de protestantes existentes no período em Sergipe, entre elas presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais, percebe-se um crescimento significativo desse segmento religioso na década de 1950.

As atividades desenvolvidas pelos missionários norte-americanos foram condenadas pelo clero sergipano. No início do trabalho batista em Sergipe, a presença da igreja católica constituía sério obstáculo aos protestantes. Além do jornal *A Cruzada* e dos espaços nas revistas e jornais de grande circulação em Sergipe, em 1959, foi inaugurada pelo clero a Rádio Cultura, na gestão do Bispo Dom Fernando Gomes. O missionário Elmer Maurice Treadwell, em um dos seus relatórios para a Junta de Richmond, em 20 de junho de 1951, dava um testemunho do que vivenciou em Sergipe na década de 1950:

*Há onze igrejas Batistas e dezesseis congregações no Estado de Sergipe. Durante a estação seca todo 4º domingo de cada mês os membros das três igrejas Batistas (da capital) alugam um ônibus, às vezes dois, e viajam para o interior para visitar as igrejas que são localizadas lá. Um destes serviços especiais foi planejado para a cidade de Estância. Nós escutamos que o padre católico romano tinha queimado algumas bíblias na praça pública, proibindo as pessoas de ler a bíblia dos protestantes. A opinião pública foi contra ele.*⁴²

Todavia, o que pode ser constatado é que os batistas não se preocupavam apenas com a questão da educação secular. Além dessa estratégia, ocupavam os espaços encontrados e ao mesmo tempo passavam a firmar seus propósitos em diversas áreas, munidos de recursos financeiros que iam suprindo as necessidades que surgiam, sendo tutelados pela Missão norte-americana. Aos poucos, o trabalho batista no Brasil expandia-se e consolidava-se. O avanço missionário era visível na implantação de igrejas, organização de Seminários de grande porte, hospitais, orfanatos, além da tipografia e da Casa Publicadora Batista que passou a funcionar provavelmente no ano de 1901, no Rio de Janeiro, e prestou à causa batista serviços em publicações de impressos como *O Jornal Batista*. Para Crabtree,

⁴² Elmer Maurice Treadwell foi missionário do Campo Sergipano nos anos de 1949-1955. Em relatório enviado à Junta de Richmond relata a perseguição existente em Sergipe pelo clero católico contra os protestantes na década de 1950.

O maior serviço que a Casa Publicadora prestou à Causa Batista, especialmente nesse primeiro período, foi o da publicação d'O Jornal Batista. Publicar o jornal foi à primeira preocupação dos missionários quando resolveram colocar no Rio a casa editora. E, através dos anos, soube ser um notável repositório de acontecimentos e pessoas da história batista brasileira, tem sido também um sólido doutrinador do povo batista e firme defensor das convicções batistas. Sua coleção é leitura indispensável para quem deseja fazer um estudo sobre o progresso e o pensamento dos batistas brasileiros durante este século.⁴³

Narrativas como essas nos fazem refletir sobre o domínio da igreja católica, e como utilizou o poder para impor a sua crença. No entanto, o legado deixado pelos pioneiros do trabalho batista demonstrou perseverança, convicção no que faziam, questionou, e enfrentou a fúria da igreja católica, mostrando a necessidade de haver respeito para com todos independentemente de religião, raça, nacionalidade. Existe no nosso país a liberdade de expressão, portanto, não se deve impedir a presença da diversidade religiosa.

Considerações Finais

Nesse novo cenário a Igreja Católica passa a ter uma função menor, visto que os poderes seculares dela são diminuídos em razão da ampliação do poder estatal. Cria-se, desta maneira, o núcleo da disputa entre legitimação religiosa e secularização, pois até mesmo quando o Estado e a religião atuam conjuntamente, a relação entre eles permanece separada e distinta. Mas apesar desse cenário político contrário aos anseios da Igreja Católica, ainda se entende educadora universal, porque também se vê como detentora da verdade e, portanto, de uma moral universal. Por isso irá agir através de colégios ou simplesmente por meio da catequese, ou de cursos livres em pensionatos por ela mantidos. Atribuições que as congregações e seus membros carregam consigo, como o antiprotestantismo. É o Brasil, na perspectiva católica, que deve nutrir a manutenção da ordem simbólica religiosa para a permanência da ordem política, principalmente durante todo governo Vargas, ao discutir, de maneira enfática, temas como educação, ação católica e combate ao comunismo, isso num primeiro momento.

No século XX, o Brasil os batistas foram proibidos de executar seu projeto de educação e evangelização. O clero romano proclamava ser detentor da “verdade”. No Nordeste brasileiro, os estados de Pernambuco e Sergipe foram também alvos desse movimento.

Pernambuco ficou no centro das intenções clericais, na tentativa de impedir o avanço do protestantismo batista. Lançaram mão de atos violentos, que levaram alguns até a morte. Suas estratégias eram bem definidas, com objetivos claros. Nesse interregno foi criada a Liga antiprotestante que era portadora da mesma finalidade, coibir o crescimento do evangelho. Conforme as fontes, o clima vivenciado pelos protestantes batistas era desolador, com a prática do preconceito, discriminação,

⁴³ CRABTREE, A. R. *História dos batistas do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 138.

ameaça de morte, e queima de bíblias. Foram com essas, e outras ações, que a história pintou um quadro cinzento e imprimiu na memória batista.

Sergipe também foi cenário de conflitos, tanto na capital, quanto no interior. Eram constantes as perseguições, com ataques pessoais, com cognomes depreciativos, ou quando se referia a sepultamento em cemitérios públicos, onde católicos eram sepultados. Se por necessidade, um protestante fosse enterrado no cemitério da cidade, sua sepultura, deveria ser posta de maneira semelhante aos enterramentos dos assassinos.

A questão educacional em Sergipe foi outro tema, que ocupou as pautas das reuniões clericais, as manchetes dos jornais impressos, e a tribuna dos programas de rádio, para realização de debates e manifestações. O padre Luciano Duarte impregnado pelo preconceito, tomando conhecimento dos fatos passava a alertar seus adeptos, para que em nenhuma circunstância, colocassem seus filhos para estudar na escola batista. Se, porém houvesse desobediência o fiel receberia a exclusão por parte da Igreja Católica.

Portanto, consideramos relevante investigar a questão educacional dos batistas na região nordeste do Brasil, pois tal estudo permite acessar novos dados que possibilitam uma melhor compreensão das dificuldades vivenciadas pela sociedade brasileira de então, em meio às “lutas religiosas” entre católicos e protestantes, expressas nas tensões e nos desafios enfrentados pelos protestantes de confissão batistas para professarem sua fé num mundo culturalmente católico. Nesse texto, foi possível acompanhar o processo de superação dos entraves postos na caminhada dos protestantes, mas para além dessa questão este artigo coloca em relevo as possibilidades de os estudos devotados a esta temática, contribuir para as pesquisas sobre a História da Educação dos batistas, pois entendemos o conhecimento histórico, em particular sobre a presença protestante no Brasil, como forma de resgatar, atualizar e (re)interpretar a História da Educação Brasileira, em seus múltiplos universos socioculturais.



RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar a questão religiosa no nordeste do brasileiro, focando suas análises para os aspectos educacionais, tendo nos estados de Pernambuco e Sergipe o espaço recortado para o estudo. Nessas regiões se verificou intensos embates entre a Igreja Católica e os protestantes. A constatação de todo esse clima de animosidade foi a criação a Liga antiprotestante, com a finalidade de coibir o crescimento deles nos estados citados acima. Tal ação demonstra como o preconceito e a discriminação sobre a presença batista conduziram os discursos católicos. Por outro lado, este artigo possibilita uma melhor compreensão das dificuldades vivenciadas pela sociedade brasileira de então, em meio às "lutas religiosas" entre católicos e protestantes, expressas nas tensões e nos desafios enfrentados por estes para professarem sua fé num mundo culturalmente católico.

Palavras Chave: Protestantes; Católicos; Educação; Nordeste Brasileiro.

ABSTRACT

This article aims to present the issue of religion in northeastern Brazil, focusing on their looks to the educational aspects, and in the states of Pernambuco and Sergipe the space cut for the study. In these regions there has been intense confrontations between the Catholic and Protestant. The finding of any such animosity was to create the Anti-protestant League, in order to curb their growth in the states mentioned above. This action shows how prejudice and discrimination on the presence Baptist led the Catholic discourses. Moreover, this paper provides a better understanding of the difficulties experienced by Brazilian society then, amid the "religious conflicts" between Catholics and Protestants, expressed the tensions and challenges faced by them to profess their faith in a world culturally Catholic.

Keywords: Protestants; Catholics; Education; Brazilian Northeast.